

Pão com bife

Fabiano Calixto

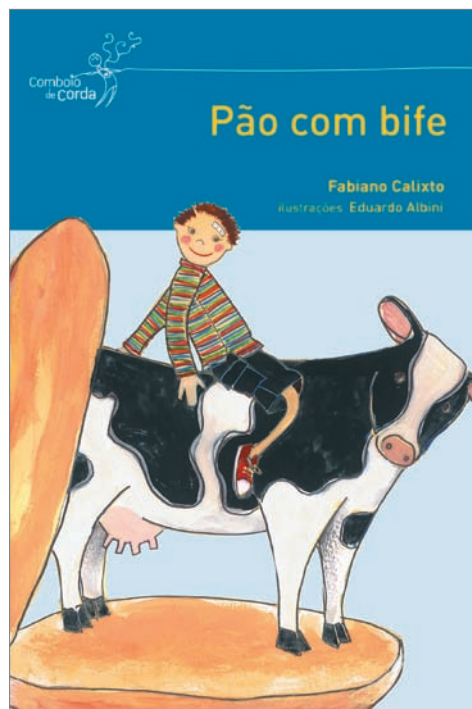
Ilustrações Eduardo Albini

Temas Natureza; Infância; Brincadeiras; Super-heróis

Disciplinas afins Português; Artes

Indicação Leitores iniciantes e em processo

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas



POESIA PARA QUÊ?

A descoberta dos recursos expressivos da linguagem é uma conquista importantíssima no processo de aquisição e desenvolvimento das capacidades verbais da criança. Ao longo desse processo, o contato com o texto poético constitui marco importante, na medida em que fornece à criança meios para decodificar as diferentes estratégias discursivas que povoam, desde sempre, seu mundo em expansão.

O papel desempenhado pelo texto poético em sala de aula liga-se ao fato de ele pôr a própria linguagem em questão, libertando-a dos automatismos. Por essa razão, uma poesia “para crianças” não cumprirá seu papel enquanto subestimar a inteligência do leitor, recorrendo a noções simplistas, a banalizações de forma e conteúdo, a diminutivos pueris. Concorrendo com a velocidade do desenho animado, do vídeo e da internet, a poesia deve ser capaz de recuperar o sabor dos jogos e das brincadeiras, atentar para

temas, experiências e sentimentos que compõem o universo cada vez mais heterogêneo do leitor mirim, estimulando-o a indagar, a criar e a refletir.

No mundo contemporâneo, a sociedade da informação e do mercado impõe a *adultização* precoce da criança. A poesia representa, nesse contexto, um espaço protegido em que é possível recuperar o sentido *lúdico* da experiência com a palavra, bem como fomentar uma abordagem alternativa à sua *instrumentalização*. Fruto de grande liberdade criativa, a poesia incrementa a potência fabuladora da criança. Mergulhando-a no frescor da língua, ajuda a formar leitores ativos, mais habilitados a enfrentar a prosa do mundo.



2008996275037

LIBERDADE & LIMITE

Se nas formas fixas o desenho rítmico se define dentro um espectro mais limitado e previsível, no verso livre a preocupação com a cadência continua a imperar, mas a partir de uma gama de possibilidades muito mais ampla. Talvez por isso o poeta inglês de origem americana T. S. Eliot (1888-1965) tenha escrito: “nenhum verso é livre para quem quer fazer um bom trabalho”. Ou seja, quer o poeta trabalhe em moldes predefinidos, quer tenha de tomar decisões a cada momento, as exigências formais sempre constituem limites contra os quais ele deve se bater.

**FORMAS E TEMAS**

Neste livro, as formas fixas – como o soneto (“A festa dos heróis”) e o haicai (“Cais do cosmo”) – convivem com poemas em verso livre, como “A água” e “Pão com bife”. É preciso observar, porém, que a variação no número de versos em cada estrofe, de sílabas em cada verso (polimetria) e o verso livre não significam, de modo algum, desatenção às questões rítmicas, ao contrário.

Já no que se refere à temática, *Pão com bife* reúne notável diversidade de assuntos: vai dos jogos infantis (“Fubeca”) às festas tradicionais (“Na noite de São João”), passando pelos personagens das histórias em quadrinhos e desenhos animados (“A festa dos heróis”) e mimetizando às vezes os passos do próprio raciocínio da criança (“Convite”, “Pão com bife”), flagrada em seu eterno brincar com a linguagem.

Outro elemento que se destaca no conjunto dos poemas é a natureza. Anta, formiga, grilo, cachorro, gatos, perereca, libélula, borboletas... – bichos desfilam por boa parte das páginas do livro, que trata de questões como a alimentação e de enigmas sobre o sol, as estrelas e o mar (“Cais do cosmo”).

Observam-se também, poemas de cunho metalingüístico, que se voltam para o funcionamento das palavras (“Letras”) ou que, de modo sutil, evocam questões sociais, como a reforma agrária (“Alegria agrícola”), a pobreza e a guerra (“Gabi do Haiti”).

De qualquer maneira, por trás de tamanha diversidade, é o fio da diversão que alinhava tudo, provando que a poesia é mesmo uma “brincadeira séria”, um modo novo de experimentar as coisas e perceber a realidade.

MAIS DE PERTO**APRENDENDO COM OS BICHOS**

Fabiano Calixto abre o livro com um poema que retoma, em outro contexto, uma personagem muito conhecida pelas crianças: a esforçada formiga da fábula “A cigarra e a formiga”, de Jean de La Fontaine.

Esse poeta francês, que viveu no século XVII, trouxe inovações importantes ao universo das fábulas, gênero cultivado desde a Antigüidade, como atestam escritos deixados pelos assírios e babilônios. Embora não seja o caso de “A cigarra e a formiga”, muitas das histórias de La Fontaine são inspiradas nas fábulas do grego Esopo, por ele modernizadas.

ESOPO (EM TORNO DE 620 A.C.-560 A.C.)

Pouco se sabe ao certo sobre sua vida, mas as lendas a seu respeito dizem que ele era gago, corcunda, muito inteligente e ótimo contador de histórias. Contam também que Esopo foi escravo de um filósofo, que, por gostar tanto de suas narrativas, lhe concedeu a liberdade.

FÓRMINX

Instrumento originalmente de quatro cordas (depois passou a ser sete), da família da cítara, que só podia ser tocado por homens. O próprio Homero, no canto IX da *Iliada*, refere-se a uma *fórminx* sonora e luxuosa, com detalhes em prata.

“Sirvo-me dos animais para instruir os homens”, escreveu La Fontaine. De fato, em suas fábulas (em verso e rimadas), os animais comportam-se como seres cuja ação adquire caráter exemplar, ou seja, encerram uma moral. Espertalhões ou ingênuos, indolentes ou esforçados, os bichos dessas histórias, objeto de sátira ou drama, funcionam como espelho simplificado das virtudes e dos defeitos humanos.

INSPIRAÇÃO NA LAVOURA, COMO OS GREGOS

Assim como “A anta antiga e a formiga amiga”, o poema “Alegria agrícola” tem suas raízes mais profundas na obra de um escritor da Antigüidade, o grego Hesíodo.

Ao lado de Homero, ele é considerado um pilar da poesia grega arcaica. Hesíodo teria vivido no século VIII a.C., na região da Beócia, centro da Grécia.

O pouco que se sabe sobre o poeta é o que ele mesmo contou em seus versos: teria nascido, vivido e morrido na cidade de Ascra, onde trabalhou na lavoura. As musas o teriam inspirado a se tornar um aedo, poeta que compunha e cantava histórias com acompanhamento de um instrumento musical chamado *fórminx*.

A vida no campo e uma briga com seu irmão, Perses, pela partilha das terras herdadas do pai teriam servido de base para Hesíodo compor *Os trabalhos e os dias*, uma de suas maiores obras.

Nesse poema, o grego trata do mundo humano centrado em dois temas: o trabalho e a justiça. *Os trabalhos e os dias* é considerado por muitos historiadores e estudiosos da literatura a grande fonte dos poemas que tratam do universo rural, como “Alegria agrícola”.

NO MEIO DO POEMA TEM UM GRILLO

A aliteração (repetição de consoantes, vogais ou sílabas) é uma figura de linguagem frequentemente usada por Fabiano Calixto em *Pão com bife*. No poema “Grilo magrelo”, por exemplo,



repetem-se os fonemas “r”, “l” e “t”: grilo, magrelo, janela, amarelo, torto, pernetta, trombando, procurava, restolho, folha, farelo, estranho... Lendo em voz alta, até parece que o grilo está cricriando por todo o poema...

Antes de Fabiano Calixto, a poeta Cecília Meireles (1901-1964), vinculada por alguns críticos à segunda geração modernista, já havia feito um grilo cantar em seu livro *Viagem*, de 1939. Um só não, dois, aos quais ela se refere como “serra de cristal” e “estrelinha de lata”. O curioso é que no segundo poema, intitulado “Grilo”, presente na referida coletânea, o som produzido pelo bichinho – “Estrelinha de lata / assovio de vidro [...] Pássaro de prata / sacudindo guizos” – penetra o sonho de um menino doente cuja febre alarga “os pulsos hirtos”. Assim, a figura do inseto comumente associado ao verão e à vida florescente brilha aqui como um “sol contente” nos olhos do menino moribundo – à diferença do grilo magrelo e peralta de Calixto.

UM HERÓI DAS PROFUNDEZAS

Para o poema “A festa dos heróis”, Calixto convidou um personagem com o qual as crianças de hoje talvez não estejam familiarizadas: Namor, um dos mais antigos super-heróis das histórias em quadrinhos.

Namor, o Príncipe Submarino, foi criado em 1939 pelo desenhista Bill Everett. Nessa época, conhecida pelos estudiosos e aficionados como a era de ouro dos quadrinhos, Namor integrava o trio de super-heróis mais célebres e adorados, ao lado do Capitão América e do Tocha Humana.

Filho da união entre um marinheiro (o capitão Leonard McKenzie) e a princesa Fen, do reino perdido de Atlântida, Namor é dotado de incrível força e impressionante habilidade dentro d’água, um tipo de “homem-sereio” pertencente à espécie (fictícia, é claro) *Homo mermanus*.

Caracterizado inicialmente como um sujeito movido pelo desejo de vingança em virtude das barbaridades que os humanos fizeram contra seu povo, Namor é considerado por alguns críticos o primeiro anti-herói das histórias em quadrinhos.



CURITIBANO, QUASE JAPONÊS

A forma utilizada em “Cais do cosmo” é de origem japonesa. Surgido no século XVI, o haikai valoriza a concisão da linguagem e pode ser definido como a arte de dizer o máximo com o mínimo.

FORMA E ESPÍRITO

Muitos haicaiístas criticam severamente o “haicai guilhermino”: contestam-lhe a disciplina formal presa a esquemas métricos e rítmicos que nada têm que ver com o verso japonês (que não apresenta título, nem rima, nem segue a métrica silábica, sendo antes composto por “durações”). Para tais críticos, a preocupação formal excessiva desvia a atenção do espírito não-discursivo e anti-sentimental subjacente a tal modalidade poética.

Com apenas três versos, ele capta um instante fugidio (com frequência alusivo às estações do ano), conferindo um sentido novo à natureza e à vida humana a partir de sensações concretas, imediatas, sem intelectualização ou sentimentalismo.

No Japão, o maior mestre dessa arte foi Matsuo Bashô (1644-1694), para quem o haicai constituía verdadeira prática espiritual: em seus versos, combinava poesia com os princípios zen-budistas.

Aqui no Brasil, um dos principais responsáveis pela aclimação do gênero foi o poeta modernista Guilherme de Almeida (1890-1969). O “Príncipe dos Poetas”, como ficou conhecido, tratou de transplantar essas miniaturas verbais do Oriente para uma estrutura métrica familiar aos nossos ouvidos. Assim, surgiu um tipo de haicai rimado, com título e número fixo de sílabas poéticas em cada verso.

Outro nome importante para o percurso do haicai no Brasil é o do curitibano Paulo Leminski (1944-1989), responsável pela popularização desse tipo de poema na década de 1980.

Prosador, poeta, tradutor, letrista e compositor, Leminski fez parte do grupo que se convencionou chamar de “poetas marginais” (influenciados pela contracultura dos anos 1960) e era amante inveterado da cultura do Japão. Tanto que chegou a ser faixa-preta de judô e aprendeu a língua japonesa, traduzindo alguns poemas de Bashô. Leminski admirava o mestre japonês do haicai a tal ponto que até escreveu uma biografia dele, lançada em 1983.

VERSO E REVERSO

Um livro de poemas pede mais que a simples leitura: pede diálogo, abertura para o sonho e esforço interpretativo. A seguir, o professor encontrará algumas sugestões de trabalho em sala de aula para ampliar a discussão em torno dos versos de Fabiano Calixto.

FOME DE QUÊ?

Partindo da temática da fome (biológica e simbólica), que, conforme se lê no texto de apresentação (“Outras fomes”), diz respeito a vários poemas deste livro, o professor pode apresentar aos alunos a canção “Comida”, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, incluída no álbum do grupo Titãs *Jesus não tem dentes no país dos bangueiros* (WEA, 1987).

Depois de escutar a música (ou de ler a letra), os alunos dividem-se em grupos para responder à pergunta: “Você tem fome



de quê?”. As respostas são trocadas entre os grupos, que pensarão em diferentes maneiras de saciar as diversas “fomes” surgidas no decorrer da enquete.

Por fim, os alunos podem retornar ao livro, estabelecendo comparações entre suas próprias respostas e aquelas oferecidas por Fabiano nos poemas que tratam da fome e de outras necessidades humanas a ela comparáveis.

ENCONTRO HERÓICO

Na página 24, Fabiano Calixto propõe uma festa bem inusitada, na qual vários heróis se encontram. Nos quadrinhos e desenhos animados, as chances de Wolverine e as Meninas Superpoderosas compartilharem o mesmo ambiente são praticamente inexistentes.

Isso só acontece quando os fãs das séries resolvem assumir o papel de criadores, escrevendo episódios sobre seus personagens favoritos. São as chamadas *fanfics* (abreviação do inglês “*fan fiction*”, “ficção de fã”), gênero que cresce cada dia entre os jovens. Os autores desse tipo de texto costumam divulgar seus trabalhos e trocar idéias sobre eles na internet.

O professor pode pedir aos alunos que escrevam um texto em prosa sobre o encontro inusitado de alguns dos seus personagens preferidos. Se a escola tiver um *site*, pode até publicar o resultado da atividade nele, pedindo para que os internautas dêem suas opiniões, como fazem os autores de *fanfics*.

CONTRAPONTO IMAGÉTICO

A observação das ilustrações de Eduardo Albini como contraponto ao texto pode render discussões entre os alunos. Que elementos textuais foram destacados (ou esquecidos) pelo ilustrador? Em que medida a imagem direciona o entendimento do poema e, em sentido contrário, de que modo a leitura dos versos influencia a apreensão da imagem?

Os alunos podem ser instados a observar também a estrutura compositiva das ilustrações: planos mais abertos (como no poema “Na noite de São João”) ou fechados, descrições mais realistas ou fantasiosas (como a da libélula saindo do tinteiro, na p. 21), cores recorrentes etc.

Por fim, talvez com o auxílio do professor de artes, a turma pode ser encorajada a produzir as próprias ilustrações para os poemas de que mais gostou, buscando soluções diferentes daquelas encontradas por Albini.



CAMPEONATO DE FUBECA

De tão entretidas com *videogames* e outras diversões eletrônicas, as crianças de hoje, sobretudo nos grandes centros urbanos, nem sempre têm a oportunidade de estabelecer contato com passatempos tradicionais – como pião, bilboquê, diabolô... – que ainda fazem a alegria da meninada em certos rincões do país.

Pensando nisso, propõe-se resgatar em sala de aula o jogo de bolinhas de gude (também conhecido pelos nomes de belindre, biloca, bolita, bute e ximbra), lembrado por Fabiano Calixto no poema “Fubeca”. A diferença, aqui, é que a brincadeira também vai ser literária. Para ganhar a bolinha do adversário, a criança precisa, além de acertá-la, citar um poema ou verso que leu em *Pão com bife*.

As regras do jogo variam de região para região e também podem ser inventadas. No *site Jogos antigos* (www.jogos.antigos.nom.br/bolinhadegude.asp), o professor encontra duas modalidades de gude, além de informações sobre a história das famosas bolinhas.

FESTA DOS POEMAS

No Brasil, comemora-se o Dia Nacional da Poesia em 14 de março, data de nascimento do poeta romântico Castro Alves (1847-1871). Com a ajuda dos alunos, o professor pode adotar essa data (ou qualquer outra, pois tudo não passa de convenção) para organizar na escola uma “festa dos poemas”, cujo cardápio pode se inspirar nos “quitutes” arrolados no poema “Convite” (p. 14).

É claro que ninguém precisa misturar uvas com torresmo nem salsicha com rapadura: é melhor deixar os alimentos dispostos na mesa, para que cada um faça o seu prato. A sala de aula pode ser decorada com as ilustrações produzidas na atividade “Contraponto imagético”.

O ponto alto da festa seria a leitura de poemas escolhidos pelos alunos e eventualmente recitados com algum aparato cênico (cenário, figurino, adereços, música...) – um verdadeiro sarau.

As leituras/declamações podem ser previamente ensaiadas, no intuito de valorizar os recursos sonoros empregados por Fabiano Calixto.



OUTRAS VIAGENS

(SUGESTÕES DE LIVROS, MÚSICAS, FILMES E *SITES*)

LIVROS

PARA O PROFESSOR

- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1999. Uma introdução bem didática aos recursos rítmicos usados pelos escritores, municiando o professor com informações para uma análise mais aprofundada da estrutura fônica dos poemas.
- PAES, José Paulo. *Poesia para crianças*. São Paulo: Giordano, 1996. Neste depoimento, que é umas melhores reflexões sobre o tema entre autores recentes, o poeta destaca a importância e o sentido de uma “poesia para crianças”, atenta aos elementos do universo infantil, sem simplificar recursos nem prescindir da inteligência.

PARA O ALUNO

- PESSOA, Fernando. *O almirante louco*. São Paulo: Edições SM, 2007. Seleção de textos do poeta português especialmente concebida para o público infantil, reunindo a produção do ortônimo e a de três de seus heterônimos mais conhecidos (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis).
- PROENÇA, Ruy. *Coisas daqui*. São Paulo: Edições SM, 2007. Sereias e camelos, goiabas com bicho e caju com cedilha, o movimento da luz e o da chuva, o amor do mar pelo coqueiro... Este livro reúne adivinhas, bruxarias, desafios aritméticos e toda sorte de questionamentos sobre a natureza e o mundo que nos cerca.

POESIA CANTADA

CDs

- *A arca de Noé*, de Toquinho e Vinícius de Moraes. Universal, 1996 (2 CDs). Poemas de Vinícius de Moraes interpretados por diversos artistas.
- *Canções curiosas*, de Paulo Tatit e Sandra Peres (Palavra Cantada). MCD World Music, 2000. Paulo Tatit e Sandra Peres fazem música para crianças com letras inteligentes e divertidas, que também encantam pais e educadores.

FILMES

- *Viva São João!*, dirigido por Andrucha Waddington. Conspiração Filmes, 2002. Apresentado pelo cantor e compositor Gilberto Gil, o documentário mostra como comunidades de diferentes partes do Brasil comemoram as festas juninas.

SITES

- www.viniciusdemoraes.com.br/biblio/sec_biblio_indice.php?id_livro=83
Neste *site*, o leitor encontra textos integrais de clássicos da poesia para crianças brasileira, como “A casa”, que Fabiano Calixto escolheu como epígrafe deste livro.
- www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/poesia
Panorama Poesia e Crônica – Itaú Cultural. O *site* traz uma pequena enciclopédia de estilos, autores e movimentos literários, com informações biográficas e bibliográficas.

